

“O melhor dos mundos possíveis”: os limites e coerência da teoria leibniziana

Iranildo Oliveira Carneiro¹
Marcos Fábio Alexandre Nicolau²

Resumo: O presente artigo examina a controversa tese leibniziana segundo a qual vivemos no melhor dos mundos possíveis, explorando suas implicações para o problema do mal e para a filosofia da religião. Partimos do reconhecimento de que a presença do mal constitui um dos desafios centrais à tradição teísta cristã, exigindo respostas que conciliem a perfeição divina com a realidade do sofrimento humano. A partir de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, analisamos como Leibniz compreende que este é melhor dos mundos possíveis, tal como exposta nos *Ensaio de Teodiceia (1710)* e em textos correlatos. Apresentamos que, longe de propor um otimismo ingênuo ou alheio à experiência humana, Leibniz defende um sistema metafísico altamente estruturado e complexo, no qual a criação do melhor mundo decorre da racionalidade, da sabedoria e da bondade divinas, articuladas por princípios como compossibilidade, razão suficiente e maximização da perfeição total. Ao discutir as principais críticas dirigidas a essa tese e suas respostas, buscamos contribuir tanto para o debate historiográfico em torno da teodiceia quanto para a compreensão contemporânea do problema do mal, oferecendo uma interpretação acessível dessa dimensão essencial do pensamento leibniziano.

Palavras-chave: Deus; mundos possíveis; mal; perfeição; otimismo metafísico.

“The best of all possible worlds”: the limits and coherence of leibnizian theory.

Abstract: This article examines the controversial Leibnizian thesis that we live in the best of all possible worlds, exploring its implications for the problem of evil and for the philosophy of religion. We begin with the recognition that the presence of evil constitutes one of the central challenges to the Christian theistic tradition, demanding responses capable of reconciling divine perfection with the reality of human suffering. Based on qualitative and bibliographical research, we analyze how Leibniz understands that this is the best of all possible worlds, as presented in the *Essays on Theodicy (1710)* and in related texts.. We show that, far from proposing a naïve optimism or one detached from human experience, Leibniz defends a highly structured and complex metaphysical system in which the creation of the best world follows from divine rationality, wisdom, and goodness, articulated through principles such as compossibility, sufficient reason, and

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. E-mail: iranildooc@gmail.com

² Graduado e Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia do ICA/UFC e Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da FAGED/UFC. Professor Adjunto dos Cursos de Graduação e Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú e professor colaborador no Mestrado Profissional em Filosofia UFC/UVA. Compõe o Núcleo de Sustentação do GT Ética e Cidadania, do GT Filosofia da Religião, membro permanente do GT Leibniz, e integrante do GT Hegel da ANPOF. Pesquisa Filosofia Moderna, com ênfase no Idealismo Alemão, Filosofia da Religião, Filosofia da Educação e Ensino de Filosofia. E-mail: marcos_nicolau@uvanet.br

the maximization of total perfection. By discussing the main criticisms directed at this thesis and Leibniz's responses to them, the article seeks to contribute both to the historiographical debate surrounding theodicy and to the contemporary understanding of the problem of evil, offering an accessible interpretation of this essential dimension of Leibniz's thought.

Keywords: God; possible worlds; evil ; perfection ; metaphysical optimism.

1. Introdução

A teoria do melhor dos mundos possíveis, proposta nos escritos de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), é um conceito filosófico provocativo, que frequentemente recebe críticas e interpretações satíricas por ser considerada, por críticos, uma visão ingênua e superficial da realidade. Leibniz destacou-se como um dos principais filósofos alemães do século XVII, sendo reconhecido por seu pensamento inovador e pelo impacto duradouro de suas ideias na filosofia moderna e contemporânea. Seu legado abrange diversos campos, incluindo matemática, lógica, psicologia, física, teologia, computação e mecânica. Dada a amplitude e profundidade de seus escritos, abordar a obra de Leibniz exige atenção ao rigor com que ele conciliou diferentes perspectivas em um contexto marcado por intensos debates filosóficos e teológicos na Europa em transformação social, política e religiosa.

Neste texto, de natureza propedêutica, se propõe a abordar a relevância, a origem e o significado de uma teoria provocativa e frequentemente debatida formulada por Leibniz. Segundo essa concepção, o mundo em que vivemos seria o melhor possível entre todas as alternativas que um Deus dotado de bondade e perfeição absolutas poderia escolher criar. Além disso, discutiremos as principais críticas dirigidas a essa visão, bem como as respostas que Leibniz ofereceu aos seus opositores. Com esse breve percurso, a intenção é enriquecer a discussão filosófica contemporânea, especialmente a filosofia da religião, resgatando um dos pensamentos centrais desse notável gênio do século XVII.

Nos séculos XVII e XVIII, a Europa vivenciava um contexto marcado por profundas turbulências políticas e religiosas, além dos impactos duradouros de eventos calamitosos, como a peste negra e a prolongada Guerra dos Trinta Anos³. Esse período foi caracterizado também por

³Para um entendimento mais aprofundado sobre o impacto da Guerra dos Trinta Anos na Europa, recomenda-se a leitura de Beltrán (2018).

uma crescente tensão intelectual, refletida na complexa relação entre fé e razão, com o problema do mal emergindo como um dos temas centrais das discussões filosóficas da época. Conforme salientado por Dilthey (1947, p. 11), “um dilúvio de ódios e guerras religiosas, de sangrentas perseguições e ferozes dogmatismo, invadiu a Europa. Foi uma das maiores crises na história dos povos modernos.” Um cenário bem distinto para ser identificado como o melhor dos mundos possíveis.

Neste cenário complexo e turbulento da época, o problema do mal tornou-se um tema frequente e central nas discussões entre filósofos e teólogos, dando origem a um período fértil para o desenvolvimento das teodiceias⁴. As teodiceias, no sentido estrito da palavra, como esforços racionais para defender a causa de Deus frente ao problema do mal, destacaram-se várias obras, entre eles estão o tratado *De Origine Mali* (1702), do teólogo anglicano e bispo irlandês William King (1650–1729); os *Ensaio de Teodiceia* (1710) e, pouco depois, o opúsculo *Causa Dei* (1712), ambos de Leibniz; e, mais adiante, o célebre poema filosófico *Ensaio sobre o Homem* (1733), de Alexander Pope (1688–1744), considerado uma das obras poéticas mais influentes do século XVIII.

Nesses esforços para se compreender as transformações sociais e as tragicidades da experiência humana, estes pensadores, em destaque Leibniz e Pope, se tornaram símbolos do que se denomina de otimismo filosófico, que neste período era quase uma regra em razão do conhecimento científico.

o problema com o otimismo não é que ele descreva a experiência de forma errada. [...] Pois ele alega não que este mundo seja uma maravilha digna de comentário, mas sim que qualquer outro mundo seria pior. Assim, nega tanto a necessidade quanto a possibilidade de realizar quaisquer melhorias na experiência. Leibniz afirmou isso com muita clareza, dizendo-nos que, se entendêssemos como Deus fez o mundo, não poderíamos sequer desejar que qualquer coisa nele fosse diferente. Como sublinhou Voltaire, chamar tal doutrina de otimista é altamente enganoso; ela parece, isso sim, destruir qualquer oportunidade de esperança (Neiman, 2003, pp.164,165).

⁴*Teodiceia* neologismo grego “*Théos*” [Deus] e “*Dike*” [justiça], cunhado por Leibniz justamente para intitular obra, que fora publicada com título em francês *Essais de théodicée: sur la bonté de Dieu, la liberté de l’homme et l’origine du mal*, em Amsterdam, Holanda. Obviamente Leibniz não foi o primeiro filósofo a tentar conciliar a bondade de Deus com o problema do mal, Platão, Agostinho, e outros já haviam produzido obras sobre esse tema; porém Leibniz se tornou original pela maneira racional de abordar o tema e sobretudo, como observa Rodán (2017), por questionar o Deus cristão, até então considerado isento de suspeitas, ao pedir explicações sobre a obra da criação: se Deus, como arquiteto perfeito, teria planejado o mundo com sabedoria e cuidado suficientes, se teria usado os melhores materiais, e como poderia permitir que defeitos e infortúnios surgissem desde o começo do universo. Em outras palavras, indaga-se como uma obra imperfeita poderia ter sido feita por um ser perfeito Cf. (Rodán, 2017, pp. 91, 92).

O nome de Leibniz tornou-se amplamente conhecido, em grande parte, graças às críticas de filósofos como Voltaire (1694-1778) e Hume (1711-1776). No conto satírico *Cândido ou o Otimismo* (1759), Voltaire ridiculariza sua visão metafísica, enquanto Hume, nos *Diálogos sobre a Religião Natural*, escrita entre 1750 e 1776, mas a obra foi publicada postumamente em 1779, após sua morte, o apresenta como alguém incapaz de reconhecer o sofrimento real presente na experiência humana. Essa reputação nasce sobretudo de sua tese mais controversa, que estamos apresentando: a tese de que vivemos no melhor mundo que Deus poderia ter criado.

O otimismo leibniziano não pode ser compreendido de maneira simplista, ao contrário do que sustentam as interpretações amplamente difundidas por Voltaire e Hume, e sustentado por alguns contemporâneos. Longe de ser um ingênuo e negar as mazelas da humanidade, Leibniz se preocupava e discordava de autores que dão ênfase nos males da vida ignorando os bens, para ele, tal atitude tende a ser inútil e representar os homens de forma negativa, “[...] assim serve para voltar tudo para o lado mau e para tornar os homens tal como os representa” (Leibniz, 2023, p. 102).

Pois todo esforço metafísico de Leibniz, como comenta Antognazza, tinha “um objetivo prático: a melhoria da condição humana em um mundo bem ordenado e a celebração, assim, da glória de Deus em Sua criação” (Antognazza, 2016, p.1, tradução nossa). Ele dedicou grande parte de sua vida ao estudo do problema do mal. Em 1673, produziu seu primeiro escrito sobre o tema, intitulado *Confessio philosophi (Profissão de fé de um filósofo)*, que consiste em um diálogo imaginário entre um filósofo e um teólogo, que discutem várias questões relacionadas a justiça divina, o pecado e a harmonia da criação divina. Posteriormente, em sua obra *Ensaio de Teodiceia*, Leibniz desenvolve a ideia do mal como uma limitação necessária, contrapondo-o ao bem entendido como a concretização da harmonia universal.

Em ambas as obras, o filósofo visa corrigir interpretações equivocadas acerca da justiça e da bondade divinas, reconhecendo a existência do mal Cf. (Leibniz, 2023, pp.102-104), mas convidando à compreensão de que a percepção de prevalência do mal sobre o bem decorre da visão limitada que as criaturas possuem do universo e não da percepção do todo. Como ele muito bem salienta “[...] mas a parte do melhor todo não é necessariamente o melhor que poderia ter sido feito dessa parte, uma vez que a parte de uma coisa bela pode ser extraída do todo ou tomada no todo de uma maneira irregular” (Leibniz, 2023, p. 257).

Aqui Leibniz afirma que uma parte de um todo considerado belo pode ser retirada ou analisada isoladamente de forma não regular. A perfeição ou beleza do todo está diretamente relacionada à harmonia e à interação entre suas partes, mesmo que algum componente, quando examinado separadamente, aparente imperfeição. Dessa forma, embora uma parte não represente a melhor possibilidade individualmente, ela contribui para a excelência do conjunto.

Assim, o valor de cada elemento reside em sua relação com o todo, sendo o próprio todo o responsável por determinar a harmonia do universo, desta forma o filósofo convida seus leitores a expandirem a visão da criação divina como a melhor. Comentando sobre a filosofia leibniziana, diria Cardoso (2011, p. 10) “Na perspectiva leibniziana, é tarefa da ciência e de toda a filosofia natural dar a ver a beleza e finalidade inscritas na natureza como assinatura do seu autor”.

Ora, não precisamos da fé revelada para saber que há um princípio único de todas as coisas, perfeitamente bom e sábio. A razão nos ensina isso por demonstrações infalíveis; e, conseqüentemente, todas as objeções tomadas do curso das coisas, no qual notamos imperfeições, são fundadas apenas de falsas aparências. Pois, se fôssemos capazes de entender a harmonia universal, veríamos que o que somos tentados a censurar está ligado ao plano mais digno de ser escolhido; em uma palavra, veríamos, e não apenas acreditaríamos, que o que Deus fez é o melhor (Leibniz, 2023, p. 63).

A questão central consiste em analisar como Leibniz fundamentou a conclusão de que este é o melhor mundo possível que um Deus perfeitíssimo poderia criar. A princípio, pode-se pensar que um Deus infinitamente bom e perfeito deveria criar um mundo que expressasse essas qualidades, pois, caso contrário, esse Ser pareceria não ter os atributos que lhe são predicados. Longe de ignorar os males da experiência humana, Leibniz em *Sobre a origem fundamental das coisas*, de 1697, afirma:

[...]o mundo não apenas é a mais admirável máquina, mas também, na medida em que é feito de mentes, a melhor república, através da qual se dá às mentes a maior possibilidade de felicidade ou alegria, em que consiste sua perfeição física. Mas, tu perguntas, não experimentamos exatamente o oposto no mundo? Pois o pior dos males frequentemente acontece aos muito bons e aos inocentes (tanto entre os animais, como entre os seres humanos), que são feridos e mortos, até mesmo torturados. No fim, o mundo parece mais um caos confuso do que uma coisa ordenada por alguma suprema sabedoria, especialmente se notarmos a conduta do gênero humano. Confesso que, à primeira vista, isso parece desta forma, mas uma análise mais profunda das coisas nos impõe a opinião oposta. Destas considerações que apresentei é óbvio, a priori, que tudo, mesmo as mentes, está na sua maior perfeição (Leibniz, 2009, pp. 77-78).

A tese é que, dentre uma infinidade de mundos possíveis que o entendimento divino contempla, Deus, sendo absolutamente perfeito em poder, sabedoria e bondade, escolheu livremente e atualizou aquele que é o “melhor”. Leibniz destaca duas qualidades fundamentais para essa atualização: a suprema sabedoria e bondade infinita. Essas características implicam que Deus sempre age de forma racional e perfeita, escolhendo o que é melhor em qualquer escolha, ou seja, a escolha do melhor é inerente a natureza perfeitíssima de Deus.

Em vez de analisar o mundo em si, numa perspectiva *intramundana*, Leibniz se concentra na natureza de Deus como proposta filosófica para justificação da Sua existência e da escolha deste mundo, como melhor dos mundos possíveis, salienta Nicolau (2020, p. 99): “Não por acaso, determinar os atributos de Deus e justificá-los sempre esteve no centro da reflexão metafísica, e se torna uma missão particular para quem pretendeu preservar a justiça e bondade divina frente ao mal.”

2. Origem e definição da teoria do melhor dos mundos

A tese leibniziana de melhor dos mundos possíveis, se tornou controversa por se contrastar com as posições⁵ como as de Malebranche e Tomás de Aquino, que admitem a possibilidade de um mundo melhor. Entretanto, a posição de Leibniz, conforme exposta por Weckend (2025), é muito mais complexa e rigorosa do que a caricatura popularizada por Voltaire por meio do personagem Pangloss em *Cândido*. Para Leibniz, não se trata de aceitar passivamente ou de forma acrítica que o mundo atual seja perfeito ou ideal, nem de adotar um otimismo ingênuo ou conformista.

Ao contrário, seu otimismo⁶ está fundamentado em uma estrutura metafísica profundamente elaborada e racionalmente defensável diante das críticas, e não em um simples otimismo psicológico, onde se espera passivamente a melhora natural do mundo. Cardoso (2011)

⁵“A ideia de Deus escolher entre uma infinidade de mundos possíveis é bastante corrente, encontrando-se notadamente em Malebranche; mas é próprio de Leibniz, invocar uma relação profundamente original entre os mundos possíveis. Leibniz dá a essa nova relação o nome de impossibilidade[...] impossíveis uns com os outros, e escolhe o melhor ou que tem mais realidade possível.” (Deleuze, 2012, p. 106-107). Tomás de Aquino que reconhecia este mundo como fruto da bondade divina, mas admite a possibilidade de Deus ter criado um outro melhor. A grande diferença reside que no tomismo há um comprometimento do amor divino, ressaltando seu poder e no otimismo leibniziano compromete o poder, mas ressalta a bondade divina Cf. (Hick, 2018, p. 213).

⁶Para uma compreensão mais aprofundada do significado do otimismo leibniziano, recomenda-se a leitura de Daeley (2021).

mostra que Leibniz não estava isolado ao conceber a natureza, o mundo de forma otimista como obra de arte. Boyle, Bayle e outros autores da transição do século XVII para o XVIII também viam a natureza como produto de uma mente racional.

Além disso, Weckend aponta que não há um princípio universal que assegure que um mundo com menos males seja necessariamente melhor, o que contraria a ideia comum entre os críticos da filosofia leibniziana de que o mundo ideal seria automaticamente aquele com o menor mal possível Cf.(Weckend, 2025, p.64).O conceito leibniziano de *melhor dos mundos possíveis* constitui um dos pilares de sua metafísica e de sua teodiceia, representando uma tentativa singular de conciliar a perfeição divina com a existência do mal no mundo.

Tal teoria não emerge isoladamente, mas se inscreve no interior de um amplo esforço sistemático que combina lógica, metafísica, teologia natural e filosofia moral. Sua origem remonta às reflexões iniciais de Leibniz sobre *o princípio da razão suficiente*, à *doutrina da compossibilidade* e à *concepção de Deus* como o ser absolutamente perfeito, cuja essência envolve a sabedoria e a escolha do melhor. Para isso Leibniz faz referência à filosofia antiga⁷, especialmente à obra *Timeu* de Platão:

Platão disse em Timeu que o mundo tinha sua origem no entendimento unido à necessidade. Outros uniram Deus e natureza. Pode-se dar a isso um sentido aceitável. Deus será o entendimento; a necessidade, isto é, uma natureza essencial das coisas, será o objeto do entendimento enquanto consiste nas verdades eternas. Mas esse objeto é interno e se encontra no entendimento divino. [...] E, como essa região imensa das verdades contém todas as possibilidades, é preciso que haja uma infinidade de mundos possíveis, que o mal entre em vários deles e que mesmo o melhor de todos envolva algum mal; é isso que determinou Deus a permitir o mal (Leibniz, 2023, p.108).

Aqui Leibniz retoma uma ideia importante da obra de Platão ao afirmar que o mundo tem sua origem na relação entre entendimento e necessidade, mas reinterpreta esse esquema à luz de sua própria metafísica. Leibniz identifica o entendimento diretamente com Deus e redefine a

⁷É evidente a profunda influência de Platão sobre o pensamento de Leibniz. Em epístola dirigida a Michael Gottlieb Hansch (1683–1749), teólogo, filósofo e matemático, e datada de 25 de julho de 1707, Leibniz revela sua profunda reverência pelo autor de *A República* e explora as afinidades entre sua doutrina e os princípios cristãos, “Filosofía alguna de los antiguos se aproximó más a la cristiana, aunque con razón se critique a aquellos que piensan que Platón es conciliable en todo con Cristo. No obstante, hay que ser indulgentes con los antiguos, quienes negaban el comienzo de las cosas, es decir, su creación, así como la resurrección de nuestros cuerpos, pues estas doctrinas sólo pueden conocerse por revelación.No obstante, muchas doctrinas de Platón, de las que Vd. también trata, son sumamente bellas: que hay una única causa de todo y que, no obstante, Dios no es autor del mal; que el alma es más antigua que este cuerpo y que en la mente divina hay un mundo inteligible, que yo suelo denominar también la región de las ideas;” (Leibniz apud Esquisabel, 2024, p.03).

necessidade como a natureza essencial das coisas, isto é, as verdades eternas inscritas no próprio intelecto divino. Essas verdades constituem o conjunto de todas as possibilidades que Deus contempla ao escolher criar, o que implica a existência de uma infinidade de mundos possíveis.

Nesse horizonte, Leibniz sustenta que o mal aparece em vários mundos logicamente possíveis e que, mesmo no melhor deles, algum grau de mal é inevitável devido à limitação inerente das criaturas finitas e à complexidade exigida pelo conjunto mais perfeito. Assim, Deus permite o mal não por impotência, mas porque o mundo ótimo inclui necessariamente certos males particulares como condição do bem maior do todo, nisso consiste basicamente o núcleo da teodiceia leibniziana.

Na verdade, o deus quis que todas as coisas fossem boas e que, no que estivesse à medida do seu poder, não existisse nada imperfeito. Deste modo, pegando em tudo quanto havia de visível, que não estava em repouso, mas se movia irregular e desordenadamente, da desordem tudo conduziu a uma ordem por achar que esta é sem dúvida melhor do que aquela. Com efeito, a ele, sendo supremo, foi e é de justiça que outra coisa não faça senão o mais belo (Platão, 2011, pp.97,98).

Note que Platão nesse trecho apresenta uma das formulações consideradas a mais antigas, a ideia de que o cosmos resulta da ação de uma inteligência ordenadora que busca realizar o melhor. O deus-artífice (o Demiurgo) é descrito como perfeitamente bom e, por isso mesmo, inclinado a produzir o máximo de ordem e beleza possível a partir da matéria pré-existente, inicialmente caracterizada por caos e irregularidade. Assim, “por achar que a ordem é melhor do que a desordem”, o Demiurgo organiza o mundo segundo sua vontade que “todas as coisas fossem boas”, produzindo um cosmos harmonioso, racional e orientado ao bem.

Assim Platão descreve um processo de criação que não busca uma perfeição absoluta, mas a melhor ordenação possível dentro dos limites próprios do mundo sensível. A figura da divindade artífice, se constitui um ponto de partida importante para compreender o desenvolvimento posterior da reflexão filosófica sobre a estrutura do cosmos. Sem dúvida, essa concepção encontra ressonância nos escritos leibniziano, segundo a qual Deus, entendido como plenamente sábio e bom, elege dar existência ao conjunto de possibilidades que produz o mais alto grau de ordem, diversidade e completude entre todas as combinações compatíveis.

Segundo Weckend (2025, p.64) nos escritos iniciais de Leibniz, já em 1664, nota-se seu otimismo ao descrever Deus como o criador que escolhe o melhor em sua tese de Mestre em Filosofia. E na sua obra *Confessio philosophi*, Leibniz já apresenta sua visão sobre a harmonia universal, correlacionando com a existência do mal(pecados) “[...] na série total da harmonia a existência dos pecados é compensada com os bens maiores, devido a isto Ele os tolera ou admite” (Leibniz,2024, pp.22,23).

Porém a formulação mais explícita do otimismo metafísico aparece no *Discurso de Metafísica* (1686), especialmente nos §§ 1–6, onde Leibniz argumenta que Deus, sendo perfeitamente sábio e bom, não age sem razão. A criação do mundo, portanto, não resulta de um ato arbitrário da vontade divina, mas da aplicação racional do princípio segundo o qual nada é feito sem que exista uma razão suficiente para ser assim e não de outro modo.

A esse princípio lógico-metafísico, Leibniz articula outro princípio, segundo o qual Deus escolhe sempre aquilo que maximiza a perfeição do conjunto. É nesse contexto que surge a noção de que o mundo efetivamente criado é aquele que realiza, dentro dos limites do possível, a combinação ideal entre simplicidade das leis e riqueza dos fenômenos, resultando na ordem mais plena e harmoniosa entre todas as alternativas possíveis.

No *Discurso de Metafísica* Leibniz usa uma série de analogias para descrever como Deus age com perfeição suprema, comparando-O a: um geômetra excelente, que encontra a melhor solução para um problema; um bom arquiteto, que projeta um edifício aproveitando ao máximo do espaço, sem deixar nada disforme ou desprovido de beleza; ou um bom pai de família, que utiliza seus recursos de forma eficiente, sem desperdício; um maquinista habilidoso, que alcança seu objetivo pelo caminho mais simples e eficaz; um sábio autor, que maximiza a realidade (perfeição, variedade) em um espaço mínimo.

Através dessas analogias ilustram que Deus, em sua sabedoria infinita, cria o universo com a máxima eficiência, beleza e harmonia, escolhendo a melhor combinação possível de meios e fins Cf. (Leibniz, 2019, pp. 15-17).

Tampouco poderia aprovar a opinião de alguns modernos que sustentam audaciosamente que o que Deus faz não está na última perfeição, e que Ele teria podido agir bem melhor. Pois parece-me que as consequências desse sentimento sejam totalmente contrárias à glória de Deus: *Uti minus malum habet rationem boni, ita minus bonum habet rationem mali* (como o mal menor tem uma medida de mal). E é agir imperfeitamente agir com menos

perfeição do que teria podido. É objetar a obra de um arquiteto mostrar que ele poderia fazer melhor (Leibniz, 2019, p.13)

Nesse trecho Leibniz refuta a visão de certos “modernos” (provavelmente uma referência a pensadores como Descartes ou outros voluntaristas na época) que afirmam que o mundo criado por Deus não é necessariamente o mais perfeito possível. Ele considera essa visão problemática, pois diminui a glória de Deus, contradiz a Sagrada Escritura, que diz que tudo Deus criou era bom, a positividade da criação, e principalmente por ignorar a racionalidade divina. Como bem salienta Oliva (2019, p.61), a preocupação de Leibniz nos parágrafos iniciais do *Discurso de Metafísica*, é apresentar as perfeições divinas e mostrar que as obras divinas são intrinsecamente boas em si.

Leibniz utiliza uma analogia: assim como um “mal menor” pode ser considerado bom em relação a um mal maior, um “bem menor” é um defeito em relação a um bem maior. Se Deus tivesse criado um mundo menos perfeito do que o possível, isso seria agir imperfeitamente, comparável a um arquiteto que constrói uma obra inferior ao que poderia fazer. E ele entende, que pensar que Deus poderia criar um mundo melhor é fruto de ignorância e possuir uma visão limitada do universo.

[...] desses modernos, que é minha opinião, desconhecido de toda antiguidade, e baseado apenas no demasiado pouco conhecimento de temos da harmonia do universo e das razões ocultas da conduta de Deus, o que nos faz julgar temerariamente que muitas coisas teriam podido ser tornadas melhores (Leibniz, 2019, pp. 13-14).

Segundo Oliva (2019, p. 65) o que mais preocupa Leibniz nessa objeção dos modernos que Deus poderia ter criado um mundo melhor sem existência do mal, porque violaria o princípio da razão suficiente, “[...]se Deus escolhesse o que não é o melhor, estaria agindo sem razão”, algo que é impossível no sistema leibniziana, pois agir sem razão significa agir arbitrariamente, o que contraria a liberdade e bondade divina.

Pois acreditar que Deus aja em alguma coisa sem ter nenhuma razão de sua vontade, além de parecer impossível, é um sentimento pouco conforme a sua glória; por exemplo, suponhamos que Deus escolhesse entre *A* e *B* e tomasse *A* sem ter nenhuma razão de o preferir a *B*; digo que esta ação de Deus, pelo menos, não será louvável; pois todo louvor deve basear-se em alguma razão, que não se encontra aqui *ex hypothesi*. Em vez disso, mantenho que Deus não faz coisa alguma pela qual não mereça ser glorificado (Leibniz, 2019, p.14)

A tese é retomada e desenvolvida na *Teodiceia* (1710), onde Leibniz responde às objeções dos seus opositores (especialmente Bayle) e clarifica sua posição diante do problema do mal. Para ele, o mal não invalida o mundo como o melhor possível, porque a avaliação da perfeição não se faz pela soma de partes isoladas, mas pela consideração global do conjunto. Assim como em uma obra artística certos elementos dissonantes contribuem para a beleza total, o mal físico e moral pode ser permitido por Deus por fazer parte da arquitetura geral que produz o máximo de bem possível.

Essa abordagem deixa claro que o “melhor” não significa ausência de mal, mas, antes, a máxima realização de perfeição compatível com a existência de criaturas finitas e livres. Nos §§13-17 da *Teodiceia* sublinha que a criação é um ato moral e metafísico perfeito, convidando o ser humano a contemplar a excelência das obras divinas como manifestação da glória de Deus e dignificá-lo como tal, um Deus bondoso e soberano.

O conceito encontra apoio também na doutrina da compossibilidade, segundo a qual nem todas as essências possíveis podem coexistir no mesmo mundo. Deus não compara apenas mundos hipotéticos isolados, mas mundos possíveis completos, cada qual formado por um conjunto coerente de essências. Assim, o mundo criado é o “melhor” não porque cada aspecto individual seja ótimo, mas porque o conjunto total das essências compossíveis atinge o mais alto grau de perfeição realizável. Em outras palavras, Deus não poderia criar “um mundo melhor” simplesmente removendo males particulares, pois tal operação poderia romper a estrutura lógica que sustenta a harmonia do todo.

Portanto vale ressaltar que a noção de Leibniz sobre o melhor dos mundos possíveis não quer dizer que tudo ao nosso redor seja perfeito, sem qualquer problema ou como um paraíso aqui na Terra. Como diria Neto⁸ (2014):

o melhor dos mundos possíveis é aquele ordenado da melhor maneira possível, ou da maneira mais perfeita; um mundo infinito possível ordenado da melhor maneira teria que ser governado pelo princípio de continuidade; este mundo (atual) é infinito; portanto, este mundo deve ser governado pelo Princípio de Continuidade (Neto, 2014, p. 346).

Na verdade, é uma perspectiva mais ampla, que olha para o panorama como um todo, sem se prender a detalhes isolados dos eventos. A teoria é composta por três aspectos: o lógico considera

⁸Para uma compreensão sobre os conceitos *contingência, necessidade e verdade*, recomenda-se a leitura de Neto (2014), que oferece uma exposição clara e conceitualmente organizada desses elementos importantes da metafísica de Leibniz.

que, segundo Leibniz, no entendimento divino existem infinitos mundos possíveis enquanto essências com tendência à existência; o metafísico, afirma que Deus poderia criar ou atualizar qualquer um desses mundos, pois possui liberdade e poder absolutos, desde que respeite o princípio da compossibilidade. Por fim, no âmbito moral, pressupõe-se que Deus, sendo considerado um ser perfeitíssimo, não escolheria nada além do melhor dentre os mundos possíveis.

É nesse ponto central que chegamos, ou melhor, à ideia fundamental que Leibniz adota para afirmar que o nosso mundo é o mais adequado: a noção de Deus como o Ser totalmente perfeito. Como diria Lacerda (2005, p. 96) “a excelência do universo não é constatada, mas deduzida da perfeição absoluta dos atributos divinos, de maneira a priori, com ajuda do princípio da razão suficiente”. E Leibniz reforça:

Entretanto, quando se diz que só a bondade determinou Deus a criar este universo, é bom acrescentar que sua BONDADIA o levou antecedentemente a criar e a produzir todo o bem possível; mas que sua SABEDORIA fez a triagem e foi a causa pela qual ele escolheu o melhor consequentemente; e, enfim, sua POTÊNCIA deu-lhe o meio de executar atualmente o grande designio que formou (Leibniz, 2023, p.170)

Ele trabalha com o conceito de um Deus cuidadoso com o universo e que devido a limitação de suas criaturas contingentes, não somos capazes de compreendê-lo. Caso fosse possível, não teríamos qualquer dificuldade epistemológica com o tipo de mundo que existe, como o melhor que Deus criou; nas palavras de Leibniz (1996, p. 512) “Deus não pode fazer nada que não seja cheio de bondade e de justiça”.

A perfeição desse mundo é a soma máxima de bens particulares, na melhor combinação possível de pluralidade e unidade. Tudo bem calculado, pensado, ordenado e otimizado conforme a sabedoria e bondade divina. Como bem explica Cardoso (2011, p.16) “Ora, perfeito significa o mais rico e o mais harmônico, isto é, aquele que contém a maior variedade com a máxima unidade, no qual a diferenciação e o jogo interno de relações é levado ao infinito.” Para Leibniz um mundo sem pecado ou sofrimento seria possível, mas inferior, pois remover o mal eliminaria mais bens que males. “[...] o mundo poderia existir sem pecado e sem sofrimento; mas nego que, então, seria o melhor” (Leibniz, 2023, p. 99).

3. Quais os critérios utilizados para definir este mundo como melhor?

A tese leibniziana que vivemos no melhor dos mundos possíveis, o que imediatamente levanta questionamentos sobre os critérios utilizados para determinar que este mundo, apesar da existência de inúmeros males, seria de fato o melhor possível. Ele entende que a presença do mal neste mundo não compromete a racionalidade e a harmonia do universo, mas sim é uma condição necessária para seu sentido. Ele concebe o “mundo” não cosmologicamente, mas metafisicamente como uma totalidade inteligível, ordenada e harmônico; disto segue-se que o primeiro critério de Leibniz para definir este mundo como o melhor, a natureza perfeitíssima de Deus, pois Deus não escolhe arbitrariamente, mas sempre age pelo princípio do melhor.

Leibniz fundamenta sua conclusão de que este é o melhor dos mundos, pois Deus, sendo um Ser necessário, representa a razão suficiente para a existência deste mundo. Seu argumento *a priori* é decisivo para justificar a existência deste mundo como melhor infere-se a partir do conceito de Deus, ou melhor, a natureza perfeitíssima desse Ser. Ele fundamenta sua tese na natureza acessível e racional de Deus, diferenciando-se de visões teológicas negativas ou nominalistas que concebem o divino como insondável ou arbitrário, e das correntes deístas que defendiam uma divindade distante e inacessível.

A noção de Deus mais aceita e mais significativa que temos está assaz bem exprimida nestes termos: Deus é um ser absolutamente perfeito; mas não se tem considerado suficientemente as suas conseqüências. [...] quanto mais estivermos esclarecidos e informados acerca das obras de Deus tanto mais estaremos dispostos a achá-las excelente e inteiramente conformes a tudo o que poderíamos desejar (Leibniz, 2019, p. 11).

Na metafísica leibniziana, Deus não é um Deus *absconditus*, remoto e incompreensível, mas um ser infinito que compartilha suas perfeições com a razão humana, como sabedoria, bondade e poder, elevadas ao grau máximo. Essa acessibilidade permite que os humanos compreendam, ao menos em linhas gerais, as razões da criação *Cf.* (Rebollo, 2009, p. 21).

Ora, essa suprema sabedoria, unida a uma bondade que não é menos infinita que ela, não podia deixar de escolher o melhor. Pois, como um mal menor é uma espécie de bem, assim

como um bem menor é uma espécie de mal, se cria um obstáculo para um bem maior; e haveria algo a ser corrigido nas ações de Deus se ele tivesse meio de fazer melhor. [...] assim também se pode dizer em matéria de perfeita sabedoria — a que não é menos regrada que as matemáticas — que se não houvesse o melhor (optimum) entre todos os mundos possíveis Deus não teria produzido nenhum. Chamo mundo toda a série e a coleção inteira de todas as coisas existentes, a fim de que não se diga que vários mundos poderiam existir em tempos e lugares diferentes. [...]há uma infinidade de mundos possíveis dentre os quais é preciso que Deus tenha escolhido o melhor, uma vez que ele não faz nada sem agir segundo a suprema razão (Leibniz, 2023, p. 98).

A tese principal é que, dentre uma infinidade de mundos possíveis que o entendimento divino contempla, Deus, sendo absolutamente perfeito em poder, sabedoria e bondade, escolheu livremente e atualizou aquele que é o “melhor”. Leibniz destaca duas qualidades fundamentais para essa atualização: suprema sabedoria e bondade infinita. Essas características implicam que Deus sempre age de forma racional e perfeita, escolhendo o que é melhor em qualquer escolha. Percebe-se o destaque que Leibniz atribui a sabedoria divina na escolha do melhor; “Uma característica distintiva da teodiceia de Leibniz é que a sabedoria de Deus recebe o papel decisivo em explicar a existência deste mundo como o melhor de todos os mundos possíveis.” (Rutherford, 1995, p. 12, tradução nossa).

Outro critério é o princípio da simplicidade das leis e fecundidade dos efeitos, mencionado tanto no *Discurso de Metafísica*, §5, quanto no prefácio da *Teodiceia*. Deus, como inteligência soberana, age segundo um modelo semelhante ao de um geômetra perfeito: utiliza os princípios mais simples para produzir a maior quantidade e qualidade de resultados. Assim, a criação é o exemplo máximo da economia divina, em que poucas leis geram uma variedade inesgotável de fenômenos, “no que se refere à simplicidade das vias de Deus, ela se realiza propriamente em relação aos meios, como, ao contrário, a variedade, a riqueza ou abundância se realizam em relação aos fins ou efeitos.” (Leibniz, 2019, p. 16).

Leibniz observa na *Teodiceia* §208 que a excelência do mundo decorre dessa proporcionalidade ideal entre simplicidade e riqueza, de modo exemplar os princípios que orientam a escolha divina do melhor mundo possível, fundamentando sua metafísica da criação no critério da máxima perfeição obtida pelas vias mais simples. Deus, afirma o filósofo, seleciona entre as regras não necessárias aquelas que são mais naturais, inteligíveis e universalmente aplicáveis, pois a sua sabedoria exige que a ordem do mundo seja regida por leis simples e uniformes, capazes de produzir a maior variedade e riqueza de efeitos.

É nesse contexto que Leibniz defende a superioridade da Harmonia Prestabelecida: mesmo que não fosse necessária, ela seria escolhida por Deus por excluir milagres supérfluos e assegurar o governo mais elegante e eficaz do universo. A simplicidade dos meios e a fecundidade dos efeitos não constituem critérios distintos, mas aspectos complementares de uma mesma exigência: a maximização da perfeição total.

Assim como na analogia da construção de uma casa ao menor custo, Leibniz sustenta que processos excessivamente complicados desperdiçariam ordem e perfeição, enquanto o agir divino, por ser o mais sábio possível, confere valor não apenas ao efeito final, mas também aos próprios meios empregados

O terceiro critério decisivo é a realização do máximo de bem total, entendido globalmente e não pela soma de bens locais. No *Discurso de Metafísica*, §2, e na *Teodiceia*, §§124 e 229, Leibniz insiste que a perfeição do universo não exige a perfeição de cada parte, mas a maximização do bem no conjunto. Isto implica que certos males particulares podem ser permitidos por Deus se contribuírem para a realização de bens maiores, como liberdade moral, virtude, superação e ordem universal, “em virtude da perfeita ordem estabelecida no universo, tudo é feito o melhor possível, tanto para o bem geral como o maior bem específico daqueles que são conscientes disso e que estão satisfeitos com o governo de Deus.” (Leibniz, 2009, p.55).

Outro critério é a harmonia universal, presente de modo explícito na doutrina da harmonia prestabelecida, sobretudo na *Monadologia* §78 e no *Sistema Novo da Natureza* (1695). Nessa estrutura, todas as substâncias criadas desenvolvem suas ações segundo leis internas que Deus ajustou previamente de modo perfeito, de tal forma que cada substância “expressa” o universo inteiro sob uma perspectiva própria. O melhor mundo é aquele que apresenta o tecido mais consistente de relações harmônicas entre todos os níveis da realidade.

Além disso, Leibniz sustenta que o melhor mundo é aquele que melhor manifesta as perfeições divinas (onipotência, sabedoria e bondade). Essa tese é explicitada na *Teodiceia*, §8, e no *Discurso de Metafísica*, §1, onde Leibniz observa que Deus, sendo perfeitamente sábio e bom, necessariamente cria o mundo que melhor expressa tais atributos. A criação funciona, assim, como uma “teofania racional”, o cenário no qual a sabedoria divina se revela através da ordem e da finalidade que estruturam a totalidade do cosmos.

À luz desses critérios racionais, torna-se evidente que o “mundo melhor” leibniziano não é um mundo sem mal nem um mundo perfeito em todas as partes, mas a totalidade que realiza o máximo de perfeição, ordem, riqueza e harmonia possível dentro das limitações inerentes ao domínio do finito.

Escobar Viré (2024) sintetiza muito bem e discute os critérios leibnizianos deste mundo ser o melhor: a) critério puramente metafísico: o melhor mundo é o que contém a maior quantidade de realidade, isto é, o maior “quantum” de essência possível entre as essências compossíveis; b) esse critério tem dimensão qualitativa: o melhor mundo é aquele que obtém o maior número de efeitos pelas vias mais simples, isto é, com as leis mais elegantes e econômicas; e, c) este critério é moral: o melhor mundo é aquele que maximiza a virtude e a felicidade dos espíritos (mônadas racionais) Cf. (Viré, 2024, p. 45).

4. Quais são as objeções à tese de que vivemos no melhor dos mundos possíveis?

As objeções levantadas a tese do melhor dos mundos possíveis começam já no século XVII, antes mesmo de Leibniz publicar sua principal obra em defesa da justiça divina, a *Teodiceia*, e envolve críticos da área da teologia, ciência, filosofia natural e metafísica. Os principais opositores, estão contemporâneos ou quase contemporâneos de Leibniz estão: Nicolaus Steno, Pierre Bayle, Malebranche, Arnauld (em parte), alguns cartesianos, e mais tardiamente Voltaire e Hume.

Para isso contamos com a contribuição de Weckend (2025) que examinando objeções *a priori* que visam a própria coerência do conceito de “melhor dos mundos possíveis”. A primeira objeção diz que superlativos como “o melhor” só fazem sentido se houver alternativas genuinamente possíveis que possam ser comparadas. Se, em última análise, mundos piores não são realmente “opções viáveis” para Deus, porque sua perfeição divina o impediria de considerá-los como candidatos à criação, então falar que o mundo criado é “o melhor” entre muitos seria enganoso.

Nesse caso, o mundo atual não seria o melhor entre muitos, mas o único mundo logicamente viável, o que nos empurra para um necessitarismo à maneira de Espinosa, em que nada

poderia ter sido diferente, conseqüentemente anularia a liberdade divina: se o mundo é necessário, não é contingente; se não há contingência, desaparecem tanto a liberdade divina quanto a responsabilidade das criaturas, logo desaparece qualquer noção de justiça.

Para Leibniz, os mundos “inferiores” continuam sendo possíveis em si mesmos, e, portanto, verdadeiros candidatos abstratos, mesmo que, considerados à luz da perfeição divina, jamais venham a ser escolhidos. Eles não são “quadrados redondos”, isto é, não são impossíveis logicamente; apenas não são preferíveis. Assim, Weckend (2025) sugere que a objeção não destrói o conceito leibniziano: as alternativas existem como possibilidades reais na mente divina, usadas na comparação; o fato de Deus não poder escolher o pior não elimina a diferença entre “pior” e “inconcebível”.

Weckend (2025) apresenta uma segunda objeção *a priori*: e se a ordem dos mundos possíveis for como uma escala sem máximo, onde para qualquer mundo sempre haja outro ligeiramente melhor? Se for assim, não haveria um “melhor mundo”, mas apenas uma série infinita de melhorias possíveis. Leibniz rejeita precisamente essa ideia: para ele, a estrutura dos possíveis não é um *continuum* indefinido de melhora, mas algo em que, dadas as restrições de compossibilidade e os critérios de simplicidade/riqueza, existe um ponto ótimo global. É isso que a analogia com o cálculo das variações quer capturar: como em muitos problemas matemáticos, podem existir extremos globais, e não apenas seqüências sem limite superior. Weckend destaca que, na visão leibniziana, o conjunto de condições que define um mundo (leis da natureza, história total, distribuição de bens e males, etc.) é tal que apenas uma combinação global satisfaz ao máximo os critérios de sabedoria e bondade divinas.

Uma terceira objeção, que Weckend (2025) chama de talvez a mais séria: a possibilidade de haver mais de um mundo igualmente ótimo. Leibniz, no *Confessio philosophi*, considera uma objeção vinda de Steno: se existirem dois mundos igualmente bons, por que Deus escolheria este e não aquele? Isso não reintroduziria arbitrariedade ou acaso na vontade divina? Weckend mostra que Leibniz tende a afastar essa hipótese de empate metafísico: ou não há dois mundos exatamente iguais em perfeição (sempre haverá alguma razão, por mínima que seja, para preferir um ao outro), ou, se fossem absolutamente idênticos em valor, não passariam, de fato, de diferentes descrições do mesmo mundo.

Além disso, ela lembra que, na concepção leibniziana, qualquer alteração mínima em um mundo, a famosa “borboleta”, gera outro mundo inteiro, pois muda a história global; logo, pensar em “dois mundos” com exatamente o mesmo grau de perfeição numérico e a mesma estrutura de bens e males é conceitualmente muito mais difícil do que parece. Weckend conclui que, embora o modelo de otimização leibniziano enfrente dificuldades reais, ele é mais sofisticado e resiliente do que a crítica tradicional costuma admitir: a ideia de que Deus “calcula” e atualiza o melhor mundo possível permanece, em sua leitura, conceitualmente defensável, ainda que filosoficamente exigente, ou seja, a conclusão da comentadora que a tese leibniziana não é nem ingênua nem insustentável. A sua força reside no caráter estrutural do otimismo: Deus não cria um mundo perfeito, mas o melhor sistema realizável, dadas as limitações intrínsecas à criação e à natureza das essências possíveis Cf. (Weckend, 2025, pp. 69-77).

Nos parágrafos 193-196 da *Teodiceia*, Leibniz reafirma a tese “tão evidente e tão reconhecida” de que a vontade divina não opera de modo arbitrário, mas segue necessariamente as regras da sabedoria: Deus conhece o melhor, pode realizá-lo e, sendo perfeitamente bom, não deixa de escolhê-lo. Por isso, Leibniz critica com veemência tanto aqueles que pretendem que Deus “poderia ter feito melhor” quanto a atitude arrogante, exemplificada pela anedota do rei Afonso de Castela⁹, de julgar a obra divina com base em conhecimento limitado e fragmentário do mundo.

É esse aproximadamente o erro do famoso Afonso, rei da Castela, escolhido rei dos romanos por alguns eleitores e promotor das Tábuas astronômicas que levam seu nome. Supõe-se que esse príncipe disse que, se Deus tivesse pedido seu conselho quando fez o mundo, ele o teria dado de bom grado. Aparentemente, o sistema do mundo de Ptolomeu, que reinava nesse tempo, o desagradava. Ele acreditava, pois, que se teria podido fazer algo mais bem concertado, e tinha razão. Mas se ele tivesse conhecido o sistema de Copérnico com as descobertas de Kepler, aumentadas agora pelo conhecimento do peso dos planetas, teria reconhecido que a invenção do verdadeiro sistema é maravilhosa (Leibniz, 2023, p.242).

Tal presunção ignora que a ordem do universo não pode ser avaliada por partes isoladas, mas apenas enquanto totalidade orgânica, cuja harmonia e beleza transcendem a observação humana imediata. Contra a objeção de que não pode existir um “melhor” porque sempre seria

⁹Afonso X de Castela (Alfonso X “o Sábio”), (1221-1284). É uma das figuras mais importantes da história cultural e científica da Idade Média europeia. Leibniz o menciona na *Teodiceia* em razão de uma famosa anedota atribuída a ele, “se eu houvesse podido aconselhar Deus na criação, muitas coisas teriam sido mais bem ordenadas” (Neiman, 2003, p. 28).

possível conceber criaturas mais perfeitas, Leibniz responde que esse raciocínio não se aplica ao universo como conjunto, que é infinito em duração e em multiplicidade de substâncias e, portanto, não constitui um todo susceptível de gradação simples.

Ele também rejeita qualquer identificação panteísta entre Deus e o mundo, pois o universo não é uma substância única nem um grande organismo, mas uma infinidade de substâncias coordenadas pela harmonia preestabelecida. Assim, Leibniz conclui que a acusação de que Deus não escolheu o melhor mundo nasce de ignorância acerca da estrutura total da criação e de uma concepção inadequada tanto da sabedoria divina quanto da natureza do universo.

De modo geral, pode-se afirmar que, para Leibniz, a alegação de que Deus poderia ter criado um mundo melhor, seja com menos males, seja totalmente isento deles, compromete diretamente os atributos divinos de bondade e onipotência. Sugerir que o mundo atual não seja o mais adequado entre os possíveis implica admitir que Deus ou não quis, ou não pôde realizar o melhor, o que seria incompatível com a perfeição divina.

A renúncia a qualquer um desses atributos conduziria, segundo Leibniz, conforme minha leitura, a consequências que roçam o ateísmo, pois esvaziam a noção de um Deus plenamente sábio, bom e poderoso. Assim, para o filósofo, é inconcebível que um ser absolutamente perfeito deixasse de escolher o mundo mais perfeito possível; negar isso seria dissolver o próprio fundamento metafísico que sustenta sua concepção de Deus e da realidade. Pois Leibniz demonstrava preocupação com o fato de que o avanço do conhecimento científico de sua época era acompanhado por um aumento da impiedade, motivo pelo qual se distanciou da perspectiva mecanicista *Cf.* (Cardoso, 2011, p. 10).

Portanto, considero bastante relevante a contribuição de Weckend (2025) que considera que a crítica que imagina mundos ligeiramente melhores, e, a partir disso, conclui pela inexistência de um Deus perfeitíssimo, ignora que a estrutura do universo é marcada por uma complexidade física e moral que excede radicalmente nossa capacidade cognitiva.

Nesse ponto, Weckend (2025) aproxima Leibniz do chamado ceticismo teísta contemporâneo, ao reconhecer que a ausência de razões aparentes para determinados males não autoriza inferências negativas sobre a sabedoria divina. Fato que para Leibniz, Deus, sendo perfeitamente sábio, só pode escolher o melhor dos mundos possíveis, e que nossa dificuldade em

compreender essa escolha deriva de nossa perspectiva restrita a um fragmento quase insignificante da história do cosmos.

5. Considerações finais

A teoria dos mundos possíveis expande a lógica ao propor que a existência do mal é, em certo sentido, necessária para a concretização de um bem maior e para a manutenção da harmonia universal, garantindo, assim, a positividade do mundo. Essa ideia ocupa um papel central na metafísica de Leibniz, refletindo uma coerência lógica sobretudo dedutiva. Nesse contexto, Deus é concebido como um ser perfeitíssimo que só pode criar o melhor.

Desta forma nossa apresentação permitiu evidenciar que a tese leibniziana segundo a qual vivemos no melhor dos mundos possíveis não pode ser reduzida ao otimismo caricatural tantas vezes associado ao personagem Pangloss, de Voltaire, mas constitui, ao contrário, uma das formulações mais sofisticadas da metafísica moderna, carregada de conceitos racionais. Longe de negar a realidade do mal ou de minimizar suas consequências, Leibniz propõe um quadro conceitual no qual a presença do mal é compreendida a partir de uma economia racional do todo, baseada no princípio da razão suficiente e na estrutura das essências compostíveis.

O mundo atual, nesse horizonte, não é o melhor porque está livre de imperfeições, mas porque representa a totalidade na qual o conjunto dos bens alcançáveis supera, de maneira universal e não pontual, a soma dos males inevitáveis que acompanham a condição finita das criaturas. Tal perspectiva exige uma mudança radical de enfoque: da análise fragmentária e local dos acontecimentos humanos para uma visão panorâmica e integral da ordem do universo, cuja arquitetura excede as capacidades cognitivas limitadas que possuímos.

A leitura das principais objeções formuladas desde o século XVII mostra que o sistema leibniziano enfrenta dificuldades legítimas, possuem limites, especialmente no que diz respeito à possibilidade de existirem mundos igualmente ótimos, à coerência do uso de superlativos metafísicos e à extensão do mal moral. No entanto, como demonstram os desenvolvimentos posteriores da filosofia leibniziana e as interpretações contemporâneas de Weckend (2025), essas objeções não anulam a consistência interna do modelo metafísico.

Ao contrário, evidenciam sua complexidade estrutural e sua capacidade de resistir a críticas *a priori*, justamente porque a escolha divina do melhor não se apoia em avaliações simplistas, mas em critérios racionais que articulam quantidade de realidade, simplicidade das leis, fecundidade dos efeitos e maximização da felicidade racional. Esses critérios, entendidos conjuntamente, permitem compreender por que a perfeição do universo depende da harmonia total e não da eliminação isolada de males particulares.

Dessa forma, o sistema leibniziano oferece não apenas uma solução metafísica ao problema do mal, mas também uma hermenêutica para interpretar a relação entre Deus e a criação. A tese do melhor dos mundos possíveis preserva simultaneamente a soberania divina, a racionalidade da criação e a contingência do real, evitando tanto o necessitarismo espinosista quanto o voluntarismo arbitrário criticado pelo próprio Leibniz.

Além disso, a ideia de que a perfeição divina exige a atualização do melhor possível reforça a inteligibilidade da criação e confere sentido moral à existência humana, convidando-nos a compreender que a ordem do mundo, embora permeada por limitações e conflitos, manifesta um plano mais amplo que ultrapassa nossa visão imediata.

Por fim, concluímos, que a análise empreendida ao longo deste artigo demonstra que o otimismo metafísico de Leibniz permanece filosoficamente relevante não porque minimize o drama humano, mas porque fornece um quadro robusto para pensar a coexistência entre imperfeição e ordem, finitude e plenitude, mal e bem.

A força de sua proposta reside na articulação entre a estrutura lógica dos possíveis e a natureza perfeitamente sábia e boa de Deus, permitindo compreender a criação como resultado de uma escolha racional e não arbitrária. Nesse sentido, a teoria do melhor dos mundos possíveis conserva seu valor explicativo tanto para a filosofia da religião quanto para a reflexão contemporânea sobre o mal, oferecendo uma alternativa coerente às leituras pessimistas ou meramente mecanicista do mundo, e reafirmando a possibilidade de uma metafísica capaz de integrar razão, moralidade e ordem universal.

E como destaca Cardoso (2011) que a tese de que este mundo é melhor que Deus criou está profundamente ligada à concepção de que a natureza é uma obra de arte divina. Por isso, compreender a natureza como arte (*ars divina*) é compreender como e por que o mundo possui

ordem, inteligibilidade, harmonia e finalidade, sendo expressão das perfeições divinas. Assim, o mundo ótimo é único e determinado.

6. Referências bibliográficas

AGUADO REBOLLO, Javier. ¿Por qué, según Leibniz, vivimos en el mejor de los mundos posibles? **THÉMATA. Revista de Filosofía**, [S. l.], n. 42, 2009. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/themata/article/view/547>. Acesso em: 25 nov. 2025.

ANTOGNAZZA, Maria Rosa. **Leibniz: a very short introduction**. United Kingdom: Oxford University Press, 2016.

BELTRÁN, Cristina Borreguero. **La Guerra de los Treinta Años (1618-1648)**: Europa ante el abismo. Madrid: La Esfera de los Libros, 2018.

CARDOSO, Adelino. O princípio do melhor: a natureza como arte. **Cad. Hist. Fil. Ci.**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 9-27, 2011. Jan.-jun. Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/article/view/542/422>. Acesso em: 01 dez. 2025.

DAELEY, Justin J. (org.). **Optimism and the Best Possible World: A Philosophical History**. New York; London: Routledge, 2025.

_____. **Why God Must Do What Is Best: A Philosophical Investigation of Theistic Optimism**. New York; London ; New Delhi ;Oxford ; Sydney: Bloomsbury Academic Press, 2021.

DELEUZE, Gilles. **A dobra: Leibniz e o barroco**. Tradução Luiz B. L. Orlandi. 6ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

DILTHEY, Wilhelm. **Leibniz e sua época**. Tradução A.E. Beau, Prefácio de Joaquim de Carvalho. São Paulo: Livraria Acadêmica Saraiva e Cia, 1947.

ESQUISABEL, Oscar. Sobre el platonismo: carta de G. W. Leibniz a M. G. Hansch. Hannover, 25 de julio de 1707 [A II 4, 638-648]. **Tópicos. Revista de filosofía de Santa Fe**, [S. l.], n. 46, p. e0074, 2024. DOI: 10.14409/topicos.2024.46.e0074. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar/publicaciones/index.php/Topicos/article/view/13524>. Acesso em: 15 out. 2025.

LACERDA, Tessa Moura. **A Política da Metafísica: teoria e prática em Leibniz**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Ensaio de Teodiceia: sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal**. Tradução Tessa Moura Lacerda, Celi Hirata. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2023. (Clássicos).

_____. **A Monadologia e outros textos**. Tradução Fernando Luiz Barreto Gallas e Souza. São Paulo: Hedra, 2009.

_____. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**. Tradução Luiz Baraúna. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 1996.

_____. **A profissão de fé do filósofo**. Tradução Fernando Luiz Barreto Gallas e Souza. São Paulo: UICLAP Editora e Distribuidora Ltda, 2024.

HICK, John. **O mal e o Deus do amor**. Tradução Sérgio Miranda. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018.

NETO, Izaias Ribeiro De Castro. Leibniz: Reflexões acerca das noções de contingência, necessidade e verdade. **Kalagatos: Revista de Filosofia**, v. 11, n. 21, p. 325-351, 2014. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6107/4922> Acesso em: 27 fev. 2026.

NEIMAN, Susan. **O mal no pensamento moderno: uma história alternativa da filosofia**. Tradução Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre (org.). **Nada é sem razão**. Sobral: Sertão Cult, 2020.

OLIVA, Luís César. **O Mal**. São Paulo: Almedina, 2019.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Tradução do grego, introdução, notas e índices de Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

ROLDÁN, Concha. **Leibniz: no melhor dos mundos possíveis**. Tradução Filipa Velosa. São Paulo: Editora Salvat do Brasil LTDA, 2017.

RUTHERFORD, Donald. **Leibniz and the Rational of Order Nature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

VIRÉ, Maxilimiliano Escobar. **La articulación entre la optimalidad metafísica y la optimalidad moral em Leibniz**. In: ESQUISABEL, Oscar M. (comp.). *Metafísica, ciência y lógica em Leibniz: antecedentes y recepciones*. Bueno Aires: Miño y Dávila, 2024.

WECKEND, Julia. **Leibniz's Optimism and the Problem of Evil**. In: DAELEY, Justin J. (org.). *Optimism and the Best Possible World: A Philosophical History*. New York; London: Routledge, 2025.